

The background of the cover is a solid orange color. Overlaid on this are faint, light-colored line drawings of archaeological site plans. These plans show various structures, walls, and courtyards, typical of ancient or medieval settlements. A prominent white curved line, resembling a stylized 'C' or a section of a circle, cuts across the middle of the cover, separating the title area from the lower part of the design.

ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2023 – Estado da Questão



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, César Neves e Andrea Martins
Design gráfico e paginação: Paulo Freitas

ISBN: 978-972-9451-98-0

Edição: Associação dos Arqueólogos Portugueses, CEAACP, CEIS2o e IA-FLUC
Lisboa, 2023

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:

Planta das ruínas de Conímbriga. © Museu Nacional de Conímbriga



Apoio Institucional:



Índice

- 15 Prefácio
José Morais Arnaud
- 1. Pré-História**
- 19 O potencial informativo dos *Large Cutting Tools*: o caso de estudo da estação paleolítica do Casal do Azemel (Leiria, Portugal)
Carlos Ferreira / João Pedro Cunha-Ribeiro / Eduardo Méndez-Quintas
- 33 PaleoTejo – Uma rede de trabalho para a investigação e para o património relacionado com os Neandertais e pré-Neandertais
Telmo Pereira / Luís Raposo / Silvério Figueiredo / Pedro Proença e Cunha / João Caninas / Francisco Henriques / Luiz Oosterbeek / Pierluigi Rosina / João Pedro Cunha-Ribeiro / Cristiana Ferreira / Nelson J. Almeida / António Martins / Margarida Salvador / Fernanda Sousa / Carlos Ferreira / Vânia Pirata / Sara Garcês / Hugo Gomes
- 45 A indústria lítica de malhadinhas e o seu enquadramento no património acheulense do vale do Tejo
Vânia Pirata / Telmo Pereira / José António Pereira
- 61 O Abrigo do Lagar Velho revisitado
Ana Cristina Araújo / Ana Maria Costa / Montserrat Sanz / Armando Lucena / Joan Daura
- 75 Contributo para o conhecimento das indústrias líticas pré-históricas do litoral de Esposende (NW de Portugal)
Sérgio Monteiro-Rodrigues
- 95 À volta da fogueira na pré-história: análise às estruturas de combustão do Sul de Portugal – a Praia do Malhão (Odemira)
Ana Rosa
- 105 O projecto LandCraft. A intervenção arqueológica no abrigo das Lapas Cabreiras
João Muralha Cardoso / Mário Reis / Bárbara Carvalho / Lara Bacelar Alves
- 119 A ocupação pré-histórica de Monte Novo: local de culto e de habitat
Mário Monteiro / Anabela Joaquineto
- 135 A formalização de espaços públicos durante o Calcolítico no Alto Douro Português: as Grandes Estruturas Circulares do Castanheiro do Vento (V. N. de Foz Côa)
Ana Vale / João Muralha Cardoso / Sérgio Gomes / Vítor Oliveira Jorge
- 149 Em busca da colecção perdida (1): Vila Nova de São Pedro no Museu Municipal de Vila Franca de Xira
César Neves / José Morais Arnaud / Andrea Martins / Mariana Diniz
- 167 De casa em casa: novos dados sobre o sítio pré-histórico do Rio Seco/Boa-Hora (Ajuda, Lisboa)
Regis Barbosa
- 179 Um contributo para o estudo das Pontas Palmela das «Grutas de Alcobaça»
Michelle Teixeira Santos / Cátia Delicado / Isabel Costeira
- 195 Monte da Ponte (Évora): Um cruzamento entre o positivo e o negativo?
Inês Ribeiro
- 203 Peças antropomórficas da necrópole megalítica de Alto de Madorras. Abordagem preliminar ao seu estudo e valorização no âmbito do Projecto TSF – Murça
Maria de Jesus Sanches / Maria Helena Barbosa / Nuno Ramos / Joana Castro Teixeira / Miguel Almeida

- 219 Apontamentos sobre o monumento megalítico da Bouça da Mó 2, Balugães, Barcelos (Noroeste de Portugal)
Luciano Miguel Matos Vilas Boas
- 227 A Mamoa 1 do Crasto, Vale de Cambra. Um monumento singular
Pedro Manuel Sobral de Carvalho
- 241 À conversa com os ossos: População do Neolítico Final/Calcolítico da Lapa da Bugalheira, Torres Novas
Helena Gomes, Filipa Rodrigues, Ana Maria Silva
- 253 Dos ossos, cacos, pedras e terra à leitura detalhada das práticas funerárias no 3º milénio a.C.: o caso do Hipogeu I do Monte do Carrascal 2 (Ferreira do Alentejo, Beja)
Maria João Neves
- 267 Os sepulcros da Pré-História recente da Quinta dos Poços (Lagoa): contextos e cronologias
António Carlos Valera / Lucy Shaw Evangelista / Catarina Furtado / Francisco Correia
- 285 Quinta dos Poços (Lagoa): Dados biológicos e práticas funerárias dos Sepulcros da Pré-História Recente
Lucy Shaw Evangelista / Eduarda Silva / Sofia Nogueira / António Carlos Valera / Catarina Furtado / Francisco Correia
- 299 Everything everywhere? Definitely not all at once. Uma aproximação inicial às práticas de processamento de macrofaunas da Pré-História recente do Centro e Sul de Portugal
Nelson J. Almeida / Catarina Guinot / António Diniz
- 313 Um sítio, duas paisagens: a exploração de recursos vegetais durante o Mesolítico e a Idade do Bronze na Foz do Medal (Baixo Sabor, Nordeste de Portugal)
João Pedro Tereso / María Martín Seijo / Rita Gaspar
- 327 Análise isotópica estável ($\Delta^{13}C$) em sedimentos de sítios arqueológicos
Virgínia Lattao / Sara Garcês / Hugo Gomes / Maria Helena Henriques / Elena Marrocchino / Pierluigi Rosina / Carmela Vaccaro
- 333 Sobre a presença de sílex na Praia das Maças (Sintra)
Patrícia Jordão / Nuno Pimentel
- 345 Lost & Found. Resultados dos trabalhos de prospecção arqueológica realizados no vale do Carvalhal de Aljubarrota (Alcobaça, Leiria)
Cátia Delicado / Leandro Borges / João Monte / Bárbara Espírito Santo / Jorge Lopes / Inês Sofia Silva
- 357 Análise dos padrões de localização das grutas arqueológicas da Arrábida
João Varela / Nuno Bicho / Célia Gonçalves
- 365 Novos testemunhos de ocupação pré-histórica na área da ribeira de Santa Margarida (Alto Alentejo): notícia preliminar
Ana Cristina Ribeiro

2. Proto-História

- 377 Dinâmicas de Povoamento durante a Idade do Bronze no Centro da Estremadura Portuguesa: O Litoral Atlântico Entre as Serras d'Aires e Candeeiros e de Montejunto
Pedro A. Caria
- 389 Novos dados sobre os povoados do Bronze Final dos Castelos (Beja) e Laço (Serpa) no âmbito do Projeto Odyssey. Contributos a partir de um levantamento drone-LiDAR
Miguel Serra / João Fonte / Tiago do Pereiro / Rita Dias / João Hipólito / António Neves / Luís Gonçalves Seco
- 401 Metais do Bronze Final no Ocidente Ibérico. O caso dos machados de alvado a sul do rio Tejo
Marta Gomes / Carlo Bottaini / Miguel Serra / Raquel Vilaça
- 411 Dois Sítios, um ponto de situação. Primeiros resultados dos trabalhos nos Castros de Ul e Recarei em 2022
João Tiago Tavares / Adriaan de Man

- 425 Reflexões acerca dos aspetos técnicos e tecnológicos dos artefactos de ferro do Bronze Final / Ferro Inicial no território português
Pedro Baptista / Ralph Araque Gonzalez / Bastian Asmus / Alexander Richter
- 439 Resumo de resultados do projeto IberianTin (2018-22) e resultados iniciais do projeto Gold. PT (2023-)
Elin Figueiredo / João Fonte / Emmanuelle Meunier / Sofia Serrano / Alexandra Rodrigues
- 451 À volta da Pedra Formosa. Estudo do Balneário Este da Citânia de Briteiros
Gonçalo Cruz
- 463 Intercâmbio no primeiro milénio A.C., no litoral, entre os estuários dos rios Cávado e Ave
Nuno Oliveira
- 481 Castro de Guifões: elementos para a reconstituição paleogeográfica e compreensão da ocupação antiga do sítio
Andreia Arezes / Miguel Almeida / Alberto Gomes / José Varela / Nuno Ramos / André Ferreira / Manuel Sá
- 493 O Castro da Madalena (Vila Nova de Gaia) no quadro da ocupação proto-histórica da margem esquerda do Douro
Edite Martins de Sá / António Manuel S.P. Silva
- 507 Uma cabana com vista para o rio, no Sabugal da Idade do Ferro
Inês Soares / Paulo Pernadas / Marcos Osório
- 519 Cerca do Castelo de Chão do Trigo (S. Pedro do Esteval, Proença-a-Nova): resultados de três campanhas de escavações (2017-2019)
Paulo Félix
- 533 Instrumentos e artes de pesca no sítio proto-histórico de Santa Olaia (Figueira da Foz)
Sara Almeida / Raquel Vilaça / Isabel Pereira
- 549 Sobre a influência da cerâmica grega nas produções de cerâmica cinzenta do estuário do Tejo: um vaso emblemático encontrado nas escavações arqueológicas do Largo de Santa Cruz (Lisboa)
Elisa de Sousa / Sandra Guerra / João Pimenta / Roshan Paladugu
- 563 *To buy fine things*: trabalhos e perspectivas recentes sobre o consumo de importações mediterrâneas no Sul de Portugal durante o I milénio a.n.e.
Francisco B. Gomes
- 575 Arquitecturas orientais em terra na fronteira atlântica: novas abordagens do Projecto #BuildinginNewLands
Marta Lorenzon / Benjamín Cutillas-Victoria / Elisa Sousa / Ana Olaio / Sara Almeida / Sandra Guerra
- 585 Frutos, cultivos e madeira no Castro de Alvarelhos: a arqueobotânica do projeto CAESAR
Catarina Sousa / Filipe Vaz / Daniela Ferreira / Rui Morais / Rui Centeno / João Tereso

3. Antiguidade Clássica e Tardia

- 599 A propósito de machados polidos encontrados em sítios romanos do território português e a crença antiga nas “pedras de raio”
Fernando Coimbra
- 611 Unidades Organizativas e Povoamento no Extremo Ocidental da *Civitas* Norte-Lusitana dos *interannienses*: um ensaio
Armando Redentor / Alexandre Canha
- 625 As Termas Romanas da Quinta do Ervedal (Castelo Novo, Fundão)
Joana Bizarro
- 633 Paisagem rural, paisagem local: os primeiros resultados arqueológicos e arqueobotânicos do sítio da Terra Grande (*civitas Igaeditanorum*)
Sofia Lacerda / Filipe Vaz / Cláudia Oliveira / Luís Seabra / João Tereso / Ricardo Costeira da Silva / Pedro C. Carvalho

- 649 Recontextualização dos vestígios arqueológicos do *forum* de Coimbra. Uma leitura a partir da comparação tipo-morfológica
Pedro Vasco de Melo Martins
- 665 Sítio do Antigo (Torre de Vilela, Coimbra): uma possível *villa* suburbana de *Aeminium*
Rúben Mendes / Raquel Santos / Carmen Pereira / Ricardo Costeira da Silva
- 679 A fachada norte da Casa dos Repuxos (Conímbriga): resultados das campanhas de 2021 e 2022
Ricardo Costeira da Silva / José Ruivo / Vítor Dias
- 693 Intervenções Arqueológicas em Condeixa-a-Velha no âmbito das acções do Movimento para a Promoção da Candidatura de Conímbriga a Património Mundial da Unesco
Pedro Peça / Miguel Pessoa / Pedro Sales / João Duarte / José Carvalho / Fernando Figueiredo / Flávio Simões
- 707 O sítio arqueológico de São Simão, Penela
Sónia Vicente / Flávio Simões / Ana Luísa Mendes
- 723 O sítio arqueológico da Telhada (Vermoil, Pombal)
Patrícia Brum / Mariana Nabais / Margarida Figueiredo / João Pedro Bernardes
- 731 *Górgona* – um *corpus* de *opus sectile* na Lusitânia
Carolina Grilo / Lídia Fernandes / Patrícia Brum
- 741 *Villa* romana da Herdade das Argamassas. Delta, motivo de inspiração secular. Do mosaico ao café
Vítor Dias / Joaquim Carvalho / Cornelius Meyer
- 755 A Antiguidade Tardia no Vale do Douro: o exemplo de Trás do Castelo (Vale de Mir, Pegarinhos, Alijó)
Tony Silvino / Pedro Pereira / Rodolphe Nicot / Laudine Robin / Yannick Teyssonneyre
- 771 A Arqueologia Urbana em Braga: oportunidades e desafios. O caso de estudo da rua Nossa Senhora do Leite, n.ºs 8/10
Fernanda Magalhães / Luís Silva / Letícia Ruela / Diego Machado / Lara Fernandes / Eduardo Alves / Manuela Martins / Maria do Carmo Ribeiro
- 785 Balneário romano de São Vicente (Penafiel): projeto de revisão das estruturas construídas e do contexto histórico-arqueológico do sítio
Silvia González Soutelo / Teresa Soeiro / Juan Diego Carmona Barrero / Jorge Sampaio / Helena Bernardo / Claus Seara Erwelein
- 801 Um contexto cerâmico tardo-antigo da Casa do Infante (Porto)
João Luís Veloso / Paulo Dordio Gomes / Ricardo Teixeira / António Manuel S. P. Silva
- 815 Trabalhos arqueológicos no Patarinho (Santa Comba Dão, Viseu): caracterização de uma pequena área de produção vinícola no vale do Dão em época alto-imperial
Pedro Matos / João Losada
- 831 Sobre a ocupação tardia da *villa* da Quinta da Bolacha – estudo de um contexto de ocupação da casa romana
Vanessa Dias / Gisela Encarnação / João Tereso
- 843 Os materiais do sítio romano de Eira Velha (Miranda do Corvo) como índice cronológico das suas fases de construção
Inês Rasteiro / Ricardo Costeira da Silva / Rui Ramos / Inês Simão
- 859 Cerâmica de importação em *Talabriga* (Cabeço do Vouga, Águeda)
Diana Marques / Ricardo Costeira da Silva
- 873 Revisão dos objetos ponderais recuperados na antiga *Conimbriga* (Condeixa-a-Nova, Coimbra)
Diego Barrios Rodríguez / Cruces Blázquez Cerrato
- 885 O conjunto de pesos de tear do sítio romano de Almoínhas
Martim Lopes / Paulo Calaveiras / José Carlos Quaresma / Joel Santos

- 901 *A terra sigillata* e a cerâmica de cozinha africana na cidade de Lisboa no quadro do comércio do ocidente peninsular – O caso do edifício da antiga Sede do Banco de Portugal
Ana Beatriz Santos
- 915 Análise (im)possível dos espólios arqueológicos do sítio do Mascarro (Castelo de Vide, Portugal)
Sílvia Monteiro Ricardo
- 931 Reconstruindo a paisagem urbana de Braga desde a sua fundação até à cidade medieval: as ruas como objeto de estudo
Leticia Ruela / Fernanda Magalhães / Maria do Carmo Ribeiro
- 941 A dinâmica viária no vale do Rabagão: a via XVII e o contributo dos itinerários secundários
Bruno Dias / Rebeca Blanco-Rotea / Fernanda Magalhães
- 953 Resultados das leituras geofísicas de Monte dos Castelinhos, Vila Franca de Xira
João Pimenta / Tiago do Pereiro / Henrique Mendes / André Ferreira
- 965 *Loca sacra*: Para uma topografia dos lugares simbólicos no atual Alentejo em época romana
António Diniz
- 977 Mosaicos da área de influência de *Pax Ivlia*
Maria de Fátima Abraços / Licínia Wrench
- 993 A exploração de pedras ornamentais na Lusitânia: Primeiros dados de um estudo em curso
Gil Vilarinho

4. Época Medieval

- 1009 A necrópole da Alta Idade Média do Castro de São Domingos (Lousada, Portugal)
Paulo André Pinho Lemos / Manuel Nunes / Bruno M. Magalhães
- 1025 A transformação e apropriação do espaço pelos edifícios rurais, entre a Antiguidade Tardia e a Idade Média, no troço médio do vale do Guadiana (Alentejo, Portugal)
João António Ferreira Marques
- 1037 A reconfiguração do espaço rural na Alta Idade Média. Análise dos marcadores arqueológicos no Alto Alentejo
Rute Cabriz / Sara Prata
- 1047 O Castelo de Vale de Trigo (Alcácer do Sal): dados das intervenções arqueológicas
Marta Isabel Caetano Leitão
- 1061 Convento de Nossa Senhora do Carmo de Moura, um conjunto de silos medievais islâmicos: dados preliminares de uma das sondagens arqueológicas de diagnóstico
Vanessa Gaspar / Rute Silva
- 1075 Potes meleiros islâmicos – Contributo para o estudo da importância do mel na Idade Média
Rosa Varela Gomes
- 1085 Luxos e superstições – registos de espólio funerário e outras materialidades nas necrópoles islâmicas no Gharb al-Andalus
Raquel Gonzaga
- 1097 A Necrópole Islâmica do Ribat do Alto da Vigia, Sintra
Alexandre Gonçalves / Helena Catarino / Vânia Janeirinho / Filipa Neto / Ricardo Godinho
- 1115 O inédito pavimento Cisterciense da cidade de Évora
Ricardo D'Almeida Alves de Morais Sarmento
- 1129 Do solo para a parede: a intervenção arqueológica no Pátio do Castilho n.º 37-39 e a(s) Torre(s) de Almedina da muralha(s) de Coimbra
Susana Temudo

- 1145 Utensílios cerâmicos de uma cozinha medieval islâmica no espaço periurbano de al-Ushbuna (1ª metade do séc. XII)
Jorge Branco / Rodrigo Banha da Silva
- 1159 O convento de S. Francisco de Real na definição da paisagem monástico-conventual de Braga, entre a Idade Média e a Idade Moderna
Francisco Andrade
- 1169 “Ante o cruzeiro jaz o mestre”: resultados preliminares da escavação do panteão da Ordem de Santiago (séculos XIII – XVI) localizado no Santuário do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal)
Ana Rita Balona / Liliana Matias de Carvalho / Sofia N. Wasterlain
- 1181 Produções cerâmicas da Braga medieval: cultura e agência material
Diego Machado / Manuela Martins
- 1197 Agricultura e paisagem em Santarém entre a Antiguidade Tardia e o Período Islâmico a partir das evidências arqueobotânicas
Filipe Vaz / Luís Seabra / João Tereso / Catarina Viegas / Ana Margarida Arruda

5. Época Moderna

- 1215 A necrópole medieval e moderna de Benavente: resultados de uma intervenção de Arqueologia Preventiva
Joana Zuzarte / Paulo Félix
- 1229 Rua da Judiaria – Castelo de Vide: Aspetos gerais da intervenção arqueológica na eventual Casa do Rabino
Tânia Maria Falcão / Heloísa Valente dos Santos / Susana Rodrigues Cosme
- 1239 A coleção de estanho de Esposende
Elisa Maria Gomes da Torre e Frias-Bulhosa
- 1253 *Três barris num campo de lama*: dados preliminares para o estudo da vitivinicultura na cidade de Aveiro no período moderno
Diana Cunha / Susana Temudo / Pedro Pereira
- 1269 Aveiro como centro produtor de cerâmica: os vestígios da oficina olárica identificada na Rua Capitão Sousa Pizarro
Vera Santos / Sónia Filipe / Paulo Morgado
- 1283 A Casa Cordovil: contributo para o conhecimento de Évora no Período Moderno
Leonor Rocha
- 1295 Reconstruir a Cidade: o pré e o pós-terramoto na Rua das Escolas Gerais, nº 61 (Lisboa)
Susana Henriques
- 1305 Lazareto, fortaleza e prisão: arqueologia do Presídio da Trafaria (Almada)
Fabián Cuesta-Gómez / Catarina Tente / Sérgio Rosa / André Teixeira / Francisca Alves Cardoso / Sílvia Casimiro
- 1319 Conhecer o quotidiano do Castelo de Palmela entre os séculos XV e XVIII através dos artefactos metálicos em liga de cobre
Luís F. Pereira
- 1331 Um forno de cerâmica do início da Época Moderna na Rua Edmond Bartissol, Setúbal
Victor Filipe / Eva Pires / Anabela Castro
- 1341 A necrópole da Igreja Velha do Peral (Proença-a-Nova)
Anabela Joaquineto / Francisco Henriques / Francisco Curate / Carla Ribeiro / Nuno Félix / Fernando Robles Henriques / João Caninas / Hugo Pires / Paula Bivar de Sousa / Carlos Neto de Carvalho / Isabel Gaspar / Pedro Fonseca
- 1357 A materialização da morte em Bucelas entre os séculos XV e XIX. Rituais, semiótica e simbologias
Tânia Casimiro / Dário Ramos Neves / Inês Costa / Florbela Estevão / Nathalie Antunes-Ferreira / Vanessa Filipe

- 1369 Ficam os ossos e ficam os anéis: objetos de adorno e de crença religiosa da necrópole do Convento dos Lóios, Lisboa
João Miguez / Marina Lourenço
- 1379 “Não ha sepultura onde se não tenham enterrado mais de dez cadáveres”: as valas comuns de época moderna da necrópole do Hospital dos Soldados (Castelo de São Jorge, Lisboa), uma prática funerária de recurso
Carina Leirião / Liliana Matias de Carvalho / Ana Amarante / Susana Henriques / Sofia N. Wasterlain
- 1391 Estudo tafonómico de uma coleção osteológica proveniente da Igreja da Misericórdia em Almada
Maria João Rosa / Francisco Curate
- 1403 Variabilidade formal e produtiva da cerâmica moderna na cidade de Braga: estudo de caso
Lara Fernandes / Manuela Martins / Maria do Carmo Franco Ribeiro
- 1415 Representações femininas na faiança portuguesa de Santa Clara-a-Velha: desigualdade, subalternização, emancipação
Inês Almendra Castro / Tânia Manuel Casimiro / Ricardo Costeira da Silva
- 1427 Poder, família, representação: a heráldica na faiança de Santa Clara-a-Velha
Danilo Cruz / Tânia Casimiro / Ricardo Costeira da Silva
- 1437 A Chacota de Faiança a uso e o significado social do seu consumo em Lisboa, nos meados-finais do século XVII: a amostragem do Hospital dos Pescadores e Mareantes de Alfama
André Bargão / Sara da Cruz Ferreira / Rodrigo Banha da Silva
- 1445 Algumas considerações sobre os artefactos em ligas metálicas descobertos no Palácio Sant’Anna em Carnide, Lisboa
Carlos Boavida / Mário Monteiro
- 1461 Os cachimbos cerâmicos dos séculos XVII e XVIII do Palácio Almada-Carvalhais (Lisboa)
Sara da Cruz Ferreira / André Bargão / Rodrigo Banha da Silva / Tiago Nunes
- 1469 Tróia fumegante. Os cachimbos cerâmicos modernos do sítio arqueológico de Tróia
Miguel Martins de Sousa / Tânia Manuel Casimiro / Filipa Araújo dos Santos / Mariana Nabais / Inês Vaz Pinto
- 1483 Um copo para muitas garrafas. Algumas palavras sobre um conjunto de vidros modernos e contemporâneos encontrados na Praia da Alburrica (Barreiro)
Carlos Boavida / António González
- 1495 *A Gran Principessa di Toscana*, um naufrágio do século XVII no Cabo Raso (Cascais)
Sofia Simões Pereira / Francisco Mendes / Marco Freitas
- 1503 Condições ambientais e contexto arqueológico na margem estuarina de Lisboa: dados preliminares da sondagem ESSENTIA (Av. 24 de Julho | Rua Dom Luís I)
Margarida Silva / Ana Maria Costa / Maria da Conceição Freitas / José Bettencourt / Inês Mendes da Silva / Tiago Nunes / Mónica Ponce / Jacinta Bugalhão
- 1517 Evolução ambiental do estuário do Rio Cacheu, Guiné-Bissau: dados preliminares
Rute Arvela, Ana Maria Costa, Maria da Conceição Freitas, Rui Gomes Coelho
- 1525 Extrair informação cultural de madeiras náuticas: uma experiência em Lisboa
Francisco Mendes / José Bettencourt / Marco Freitas / Sofia Simões Pereira
- 1535 Ferramentas, carpinteiros e calafates a bordo da fragata *Santo António de Taná* (Mombaça, 1697)
Patrícia Carvalho / José Bettencourt
- 1547 Parede 1, Carcavelos 12 e Carcavelos 13: três naufrágios da Guerra Peninsular?
José Bettencourt / Augusto Salgado / António Fialho / Jorge Freire
- 1555 Estudo zooarqueológico e tafonómico de um silo de época moderno-contemporânea da Casa Cordovil, Évora
Catarina Guinot / Nelson J. Almeida / Leonor Rocha

- 1569 Uma aproximação à Arqueologia de Paisagem: a paisagem fluvial e as dimensões da sua exploração, comunicação e ocupação
Patrícia Alho / Vanda Luciano
- 1575 Dos Arquivos ao Trabalho de Campo: o Estudo da Fortaleza de Santa Catarina de Ribamar (Portimão)
Bruna Ramalho Galamba
- 1583 Palácio Vaz de Carvalho, a diacronia de um sítio: da Pré-História à Contemporaneidade
Anabela Sá / Inês Mendes da Silva
- 1595 *Um olhar sobre o passado*: apresentação dos resultados de uma intervenção arqueológica na Figueira da Foz
Bruno Freitas / Sérgio Gonçalves / André Donas-Botto
- 1607 Todos os metros contam, 200 mil anos num quarteirão? O caso das Olarias de Leiria
Ana Rita Ferreira / André Donas-Botto / Cláudia Santos / Luís Costa

6. Época Contemporânea

- 1625 Navios de ferro: contributos para uma abordagem arqueológica aos naufrágios de Idade Contemporânea em Portugal
Marco Freitas / Francisco Mendes / Sofia Simões Pereira
- 1637 *Das peles e dos rebites*: o processo de inventariação arqueológica da Central do Biel e da Fábrica de Curtumes do Granjo (Vila Real)
Pedro Pereira / Fernando Silva
- 1649 Seminário Maior de Coimbra: o contributo da arqueologia num espaço em reabilitação
Constança dos Santos / Sónia Filipe / Paulo Morgado / Gina Dias
- 1663 Paradigmas de Preservação e Valorização do Património Monumental nas Linhas de Torres Vedras. Abordagem às intervenções realizadas no Forte da Archeira (Torres Vedras), no Forte 1.º de Suberra e na Bateria Nova de Suberra (Vila Franca de Xira)
João André Perpétuo / Miguel Martins de Sousa / João Ramos
- 1677 Pavimentos em mós na arquitetura saloia: novos dados na Amadora
Nuno Dias / Catarina Bolila / Vanessa Dias / Gisela Encarnação
- 1685 O Tejo e a industrialização: como Lisboa “invadiu” o rio no século XIX
Inês Mendes da Silva
- 1695 As Alcaçarias do Duque. A redescoberta dos últimos banhos públicos de Alfama
Filipe Santos
- 1709 Memorial da Serralharia – Arqueologia do Passado Recente no Hospital de São José
João Sequeira / Carlos Boavida / Afonso Leão
- 1723 *kana, fornadja y kumunidadi*: Um caso de estudo da produção e transformação da cana sacarina na Ribeira dos Engenhos (Ilha de Santiago)
Nireide Pereira Tavares
- 1735 Personagens Escondidas: À procura das emoções esquecidas das mulheres na indústria portuguesa. Uma análise arqueológica através de novas materialidades
Susana Pacheco / Joel Santos / Tânia Manuel Casimiro
- 1747 Sós mas não Esquecidos. Por uma Arqueologia da Solidão
Joel Santos / Susana Pacheco

7. Arte Rupestre

- 1761 O projeto First-Art (*Extension*): determinação cronológica e caracterização dos pigmentos nas fases iniciais da Arte Rupestre Paleolítica
Sara Garcês / Hipólito Collado / Hugo Gomes / Virginia Lattao / George Nash / Hugo Mira Perales / Diego Fernández Sánchez / José Julio García Arranz / Pierluigi Rosina / Luiz Oosterbeek

- 1771 Mais perto da conclusão: novo ponto da situação da prospecção e inventário da arte rupestre do Côa
Mário Reis
- 1787 Propostas metodológicas para a conservação dos sítios com Pinturas Rupestres da Pré-História recente no Vale do Côa
Vera Moreira Caetano / Fernando Carrera / Lara Bacelar Alves / António Batarda Fernandes / Teresa Rivas / José Santiago Pozo-Antonio
- 1801 Alguma cor num fundo de gravura: principais conjuntos da pintura pré-histórica do Vale do Côa
Lara Bacelar Alves / Andrea Martins / Mário Reis
- 1815 Desde a crista, olhando para o Tejo – os abrigos com pintura esquemática do Pego da Rainha (Mação, Portugal)
Andrea Martins
- 1841 Gravuras rupestres da rocha 2 da Lomba do Carvalho (Almaceda, Castelo Branco).
Informação empírica e hipóteses interpretativas
Mário Varela Gomes
- 1859 Um novo olhar sobre as gravuras de labirintos: o caso do Castelinho (Torre de Moncorvo, Portugal)
Andreia Silva / Sofia Figueiredo-Persson / Elin Figueiredo
- 1875 Os seixos incisos da Idade do Ferro de São Cornélio (Sabugal, Alto Côa)
Luís Luís / Marcos Osório / André Tomás Santos / Anna Lúcia Vitale / Raquel Vilaça
- 1891 Entre topónimos e lendas. Explicações das sociedades rurais para o fenómeno podomórfico do nordeste de Trás-os-Montes
José Moreira
- 1905 Os grafitos molinológicos ou a realidade (in)visível das moagens hidráulicas tradicionais: resultados da aplicação de um inédito roteiro metodológico (Lousada, Norte de Portugal)
Manuel Nunes / Paulo André P. Lemos

8. Arqueologia Pública, Comunicação e Didática

- 1923 Património Mundial e Valor Social: Uma Investigação sobre os Sítios Pré-históricos de Arte Rupestre do Vale do Rio Côa e de Siega Verde
José Paulo Francisco
- 1931 Parque Arqueosocial do Andakatu em Mação. Boas práticas para a sustentabilidade e disseminação do conhecimento científico
Hugo Gomes / Sara Garcês / Luiz Oosterbeek / Pedro Cura / Anabela Borralheiro / Rodrigo Santos / Sandra Alexandre
- 1943 Vila Nova de São Pedro e a Arqueologia Pública – a consolidação de um projecto através dos agentes da sua história
José M. Arnaud / Andrea Martins / César Neves / Mariana Diniz
- 1963 O Monumento Pré-histórico da Praia das Maças (Sintra): atividades de divulgação e educação patrimonial realizadas no âmbito das recentes escavações arqueológicas
Eduardo Porfírio / Catarina Costeira / Teresa Simões
- 1979 A Idade do Bronze como ferramenta de Educação e Divulgação em Arqueologia – O Projeto Outeiro do Circo 2022-2023
Sofia Silva / Eduardo Porfírio / Miguel Serra
- 1993 Arqueologia Pública: a Festa da Arqueologia como caso de estudo
Carla Quirino / Andrea Martins / Mariana Diniz
- 2013 Open House Arqueologia – a aproximação da disciplina científica aos cidadãos
Lídia Fernandes / Carolina Grilo / Patrícia Brum
- 2025 “Cada cavadeira sua minhoca”: Arqueologia Pública e Comunicação através do caso de estudo do Largo do Coreto e envolvente em Carnide (Lisboa)
Ana Caessa / Nuno Mota

- 2037 Grupo CIGA: comunicar e divulgar a cerâmica islâmica
Isabel Inácio / Jaquelina Covaneiro / Isabel Cristina Fernandes / Sofia Gomes / Susana Gómez / Maria José Gonçalves / Marco Liberato / Gonçalo Lopes / Constança Santos / Jacinta Bugalhão / Helena Catarino / Sandra Cavaco
- 2047 O Forte de São João Batista da Praia Formosa: a recuperação virtual e a reconstrução da memória
Diogo Teixeira Dias / Sérgio Gonçalves
- 2059 Entre a Universidade e a profissão: A experiência de um Estágio Curricular narrada na primeira pessoa
Mariana Santos
- 2069 A Arqueologia e os seus Públicos: relação dos Arqueólogos com os outros Cidadãos no âmbito da Contemporaneidade
Florbel Estêvão / Vítor Oliveira Jorge
- 2079 Arqueologia e Comunicação na era da Big Data: do sítio arqueológico ao registo de monumentos e paisagens. Será este um dia FAIR?
Ariele Câmara / Ana de Almeida / João Oliveira / Daniel Marçal
- 2091 Exposição de Arte-Arqueologia: Artefactos do Descarte
Pedro da Silva / Inês Moreira

9. Historiografia e Teoria

- 2103 Pré-História e “Antropologia Cultural”: repensar esta interface
Vítor Oliveira Jorge
- 2115 “Onde está o Wally?” Representações de mulheres nos museus de Pré-História
Sara Brito
- 2125 “Criei o hábito de geralmente ignorar”: sexismo, assédio e abuso sexual em Arqueologia
Liliana Matias de Carvalho / Sara Simões / Sara Brito / Jacinta Bugalhão / Miguel Rocha / Mauro Correia / Regis Barbosa / Raquel Gonzaga
- 2137 O ensino da Arqueologia em Portugal
Jacinta Bugalhão
- 2149 O Grupo Pró-Évora e o curso de arqueologia de 1968: uma primeira aproximação ao tema
Ana Cristina Martins
- 2161 Andanças na Arqueologia Urbana da Cidade de Coimbra: Um Historial de Duas Décadas do Processo Metro Mondego
António Batarda Fernandes
- 2177 Peixes de Água Doce e Migradores de Portugal: Sistematização da Informação Zooarqueológica
Miguel Rodrigues / Filipe Ribeiro / Sónia Gabriel
- 2191 Extração de Conhecimento em Arqueologia: primeiros resultados da aplicação a dados portugueses
Ivo Santos
- 2199 A Igreja do Carmo de Lisboa: um exemplo de arqueologia vertical com 600 anos
Célia Nunes Pereira

10. Gestão, Valorização e Salvaguarda do Património

- 2215 A simplificação legislativa e os desafios à atividade arqueológica
Gertrudes Branco
- 2223 IPA / IGESPAR, IP / DGPC – Extensão de Torres Novas: 25 anos
Sandra Lourenço / Gertrudes Zambujo / Cláudia Manso
- 2239 O futuro do Património Arqueológico Subaquático: Uma perspetiva através do ensino
Adolfo Silveira Martins / Alexandra Figueiredo / Cláudio Monteiro / Adolfo Miguel Martins

- 2245 **Recomendações de Boas-Práticas em Arqueologia de Ambientes Húmidos**
Ana Maria Costa / Cândida Simplício / Cristóvão Fonseca / Jacinta Bugalhão / João Pedro Tereso / José Bettencourt / José António Gonçalves / Miguel Lago / Pedro Barros / Rodrigo Banha da Silva
- 2261 **A inventariação e georreferenciação do Património Cultural Marítimo no *Endovéllico***
Pedro Barros / Jacinta Bugalhão / Gonçalo C. Lopes / Cristóvão Fonseca / Pedro Caleja / Filipa Bragança / Sofia Pereira / Ana Sofia Gomes
- 2273 **A piroga monóxila Lima 7 e os desafios que o rio nos apresenta**
José António Gonçalves / João Marrocano
- 2291 **A paisagem marítima do litoral do Minho. Uma primeira aproximação à paisagem económica de Viana do Castelo**
Tiago Silva
- 2301 **O projeto TURARQ – Turismo Arqueológico para a compreensão da cultura e das interações ambientais**
Hugo Gomes / Sara Garcês / Marco Martins / Anícia Trindade / Douglas O. Cardoso / Eduardo Ferraz / Luiz Oosterbeek
- 2307 **Tecnologias de Detecção Remota aplicadas ao Descritor do Património: da prática à reflexão**
Gabriel Pereira / Nuno Barraca / Mauro Correia / Gustavo Santos
- 2321 **Procedimentos a adotar na manipulação de materiais arqueológicos para análises de resíduos orgânicos: as práticas instituídas e os equívocos**
César Oliveira
- 2331 **Arqueologia da Arquitetura aplicada ao estudo dos espaços construídos: uma metodologia de análise**
Eduardo Alves / Rebeca Blanco-Rotea
- 2343 **Almada Velha: um projeto municipal de gestão arqueológica**
André Teixeira / Sérgio Rosa / Telmo António / Rodrigo Banha da Silva / João Gonçalves Araújo / Eva Pires / Beatriz Calapez Santos / Fátima Alves / Francisco Curate / Leonor Medeiros / Joana Esteves / Alexandra P. Rodrigues / André Bargão / Joana Mota
- 2357 **Um projeto de Arqueologia atlântica: a ERA na Madeira**
Arlette Figueira / Miguel Lago
- 2365 **Abordagens Interdisciplinares para o Estudo Histórico e Arqueológico do Património Têxtil: Experiências e Perspetivas da Ação COST EuroWeb**
Catarina Costeira / Francisco B. Gomes / Paula Nabais / Alina Iancu
- 2381 **Umas termas debaixo dos vossos pés: o Projeto de Estudo e Valorização do Criptopórtico Romano de Lisboa (CRLx)**
Nuno Mota / Ana Caessa
- 2393 **Arqueologia Urbana no Município de Coimbra**
Sérgio Madeira / Ana Gervásio / Clara Sousa / Joana Garcia / Raquel Santo
- 2407 **A Cidade como ponto de (Re)encontro com o seu território**
Raquel Santos / Ana Gervásio / Clara Sousa / Joana Garcia / Sérgio Madeira
- 2419 **Os antigos sistemas de gestão de água de Coimbra: características formais e estado da arte**
Paulo Morgado / Sónia Filipe
- 2433 **Ecologias da liberdade: materialidades da escravidão e pós-emancipação no mundo atlântico. Um projeto em curso em Portugal e na Guiné-Bissau**
Rui Gomes Coelho / Ana Maria Costa / João Tereso / Maria da Conceição Lopes / Maria da Conceição Freitas / Patrícia Mendes / Rute Arvela / Sandra Gomes / Sara Simões / Sónia Gabriel
- 2441 **Centro Interpretativo do Urbanismo e da História do Crato – Resultados da intervenção arqueológica**
Susana Rodrigues Cosme / Tânia Maria Falcão / Heloísa Valente dos Santos

POTES MELEIROS ISLÂMICOS – CONTRIBUTO PARA O ESTUDO DA IMPORTÂNCIA DO MEL NA IDADE MÉDIA

Rosa Varela Gomes¹

RESUMO

Nas escavações arqueológicas que realizámos, na Ponta do Castelo (Aljezur) e em Silves, recolhemos potes de cerâmica, quase completos e fragmentos de outros, que, sobretudo devido à sua morfologia e também pelas temáticas decorativas, permitem considerá-los como contentores para mel. Estes, encontram antecedentes peninsulares que remontam à II Idade do Ferro, mas esta categoria de recipiente, dada a sua funcionalidade, manteve-se, embora com variantes, nomeadamente dimensionais, durante a Romanização, Idades Média e Moderna. O seu uso prolongou-se até quase à actualidade, conforme indicam não poucos paralelos etnográficos.

Palavras-chave: Cerâmica; Mel; Século XII; Aljezur; Silves.

ABSTRACT

In the archaeological excavations that we carried out at Ponta do Castelo (Aljezur) and in Silves, we collected ceramic pots, almost complete and fragments of others, which, mainly due to their morphology and also to the decorative themes, allow us to consider them as containers for honey. These have peninsular antecedents that date back to the Second Iron Age, but this category of container, given its functionality, remained, although with variants, namely dimensional, during the Romanization, Middle and Modern Ages. Its use has lasted until almost the present day, as indicated by many ethnographic parallels.

Keywords: Ceramic, Honey; 12th Century; Aljezur; Silves.

1. INVENTÁRIO E CONTEXTOS

Os fragmentos que considerámos como pertencentes a potes meleiros foram identificados no assentamento da Ponta do Castelo (Carrapateira, Aljezur) assim como no Castelo e na Zona da Arrochela, em Silves (Figura 1). O primeiro arqueossítio referido localiza-se em alto promontório da actualmente designada Costa Vicentina, que entra pelo mar, e onde tivemos oportunidade de intervencionar os testemunhos de dezanove estruturas habitacionais que apresentam crescimento orgânico, ou seja, não planeado, e arquitectura singela (Figura 2). Ali instalava-se comunidade, na Primavera e no Verão, que se dedicaria sobretudo à pesca e à recolha de moluscos, no século XII e nos inícios da centúria seguinte. O espólio exumado naquele local é diversificado, tendo sido recolhido tanto no interior como no exterior das

casas e inclui objectos de pedra, metal ou de cerâmica, sendo estes os mais numerosos (Gomes, 2021). Entre as cerâmicas exumámos, no interior das casas 2 e 11, fragmentos de dois grandes potes cuja forma nos permitiu considerar que teriam sido utilizados para acondicionarem mel (P.CAST. CA2/Q80/C2-1; P.CAST. CA11/Q23/C2-1).

Muito embora o contexto arqueológico onde os testemunhos dos dois potes mencionados foram recolhidos, corresponda a assentamento cujos residentes se dedicavam a actividades piscatórias, não nos parece que estas vasilhas tivessem sido utilizadas para salgar peixe, pois não seria necessário o característico rebordo destinado a conter água, impedindo a entrada de insectos rastejantes no seu interior. Ali identificámos fragmentos de outros contentores, de cerâmica, como os cântaros e um exemplar de talha, por certo destinados ao transporte e armazenamento de água.

1. Instituto de Arqueologia e Paleociências; História, Territórios e Comunidades CFE -NOVA FCSH / rv.gomes@fcs.unl.pt

Dois outros fragmentos correspondentes a potes, possuindo aquelas características, embora de menores dimensões, foram exumados em Silves; um deles no Castelo daquela cidade (CAST.SILV. Q73/C2-1) e o segundo fragmento foi encontrado na área urbana, na designada Zona da Arrochela situada a poente do Castelo, onde tivemos oportunidade de realizar escavação arqueológica em extensão. Neste local reconhecemos testemunhos de espaços habitacionais, assim como silos e fossas detriticas, correspondentes a intensa ocupação islâmica ocorrida a partir do século VIII e até meados do século XIII. Após a última reconquista cristã, este sector da cidade terá sido abandonado. Ulteriormente, durante os séculos XV e XVI, as estruturas referidas foram, em boa parte, destruídas tendo em vista o nivelamento da área, então destinada à edificação de quarteirão (Gomes, 2011, pp. 7-314).

O fragmento de pequeno pote apresenta morfologia que permitiu, quando o publicámos, tecer a seguinte observação: “*A sua forma é típica dos recipientes para mel ou açúcar, dado que poderia conter água no bordo, não deixando que formigas e outros insectos atingissem aqueles adoçantes*” (Gomes, 2011, pp. 71, 72).

A designação de “pote”, que utilizamos, decorre do facto de tais recipientes oferecerem forma globular, baixa, assente em base plana. Os exemplares da Ponta do Castelo (Aljezur) mostram corpo de forma subcilíndrica ou troncocónica, com paredes mais ou menos oblíquas e grande diâmetro no bordo, que dispõe de rebordo ou ressalto, formando canaleto (Fig 3).

Pote meleiro (P.CAST. CA11/Q23/C2-1) – Fragmento correspondente a porção do bordo, com rebordo ou ressalto formando canaleto, e do arranque da parede. Mostra bordo, ligeiramente espessado, com lábio plano. Foi fabricado com pasta muito homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, micáceos e calcários, de grão finíssimo a fino. O núcleo das paredes e ambas superfícies apresentam cor cinzenta (7.5YR 6/1)². Oferece decoração constituída por série de pequenos traços incisos, dispostos verticalmente sobre o rebordo, assim como decoração pintada, de cor negra (7.5YR 2.5/1), sobre o bordo e no rebordo, formada por duas linhas horizontais. Media 0,240 m de diâmetro no bordo e a espessura média das paredes é de 0,006 m.

Jazia no lado sudoeste da casa 11, estando associado a fragmento de taça e de púcaro, de cerâmica.

Pote meleiro (P.CAST. CA2/Q80/C2-1) – Fragmento correspondente a porção do bordo, possuindo rebordo ou ressalto formando canaleto, da parede, uma asa e parte de outra. Mostra bordo ligeiramente espessado e introvertido, com lábio de secção semicircular. Teria tido quatro asas, opostas duas a duas, de secção côncava-convexa, mostrando a extremidade superior fixada abaixo do rebordo, assentando a inferior na superfície mesial do corpo. Foi fabricado com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, micáceos, calcários e nódulos de barros cozido, de grão fino a médio e, alguns, de grão grosseiro. O núcleo das paredes possui cor cinzenta (10YR 5/1), ambas superfícies são cor-de-laranja (2.5YR 5/8) e mostram aguada de cor bege (10YR 6/3). A superfície exterior oferece decoração pintada, predominantemente de cor vermelha, constituída por linha horizontal no início do corpo e duas cartelas, também dispostas horizontalmente, na sua zona mesial, delimitadas por seis linhas e preenchidas por grupos de pares de linhas, dispostas na vertical. Parte da zona central da asa apresenta ornamentação, constituída por motivo espinhado, pintado de cor vermelha. Acima da primeira cartela foi gravada, através de incisão, estrela com seis pontas, formada pela sobreposição de dois triângulos equiláteros. Media aproximadamente 0,300 m de altura, 0,328 m de diâmetro no bordo e a espessura média das paredes é de 0,008 m.

Foi recolhido no lado nordeste da casa 2, onde se associava a diversos fragmentos de peças de cerâmica, nomeadamente de taças, púcaros, alguidar, panela, testo e marca de jogo.

Pote meleiro (CAST.SILV. Q73/C2-1) – Fragmento correspondendo a porção do bordo e do corpo, que teria forma troncocónica. O bordo apresenta rebordo ou ressalto, formando canaleto, e lábio plano. Foi fabricado com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, quartzosos e micáceos, de grão fino. O núcleo das paredes é de cor bege clara (10YR 8/3) e ambas superfícies apresentam aguada de tom algo mais claro que o daquela cor. A superfície exterior oferece profusa decoração pintada, de cor vermelha, constituída por motivos fitomórficos e geométricos, inscritos em duas cartelas horizontais, delimitadas por bandas pintadas, com 0,008 m de largura máxima. Na primeira cartela observam-se ramos, folhas e flores, executados com pincel fino. A segunda cartela contém losangos,

2. Os códigos cromáticos correspondem às *Munsell Soil Color Charts* e, por isso, devem considerar-se como aproximados.

preenchidos na mesma cor e dispostos em série. Média 0,103 m de diâmetro no bordo e a espessura média das paredes é de 0,004 m.

Foi identificado a norte de complexo de banhos do palácio principal da alcáçova, em sector de canalizações, próximo do local onde recolhemos frasco de vidro inteiro (CAST.SILV. Q74/C2-7) e parte de taça (CAST.SILV. Q74/C2-8), também de vidro, que terão sido escondidos durante a conquista definitiva daquele espaço em 1248 (Gomes, 2003, pp. 292, 294).

Pote meleiro (AR.Q1/U.1/C3-1) – Fragmento correspondente a porção do bordo e da parede do corpo, que possivelmente teria forma troncocónica. O bordo mostra rebordo ou ressalto, formando canaleta, possuindo lábio de secção semicircular. Foi fabricado com pasta homogénea e compacta, contendo elementos não plásticos, micáceos, de grão fino, assim como quartzosos e calcários, de grão fino e, alguns, de grão médio. O núcleo das paredes é de cor vermelha (10R 5/8) e ambas superfícies oferecem aguada de cor vermelha escura, algo acinzentada (5 YR 4/2). A superfície exterior contém, sobre o rebordo, pequenas incisões, dispostas em série, assim como linha, também incisa, sobre o corpo e, ainda, decoração pintada de cor branca. Esta é constituída por quatro linhas, sendo uma sobreposta ao bordo, outra no rebordo, enquanto duas demarcam cartela, preenchida por cordão com dois cabos, pintado naquela mesma cor. Média 0,050 m de diâmetro no bordo e a espessura média das paredes é de 0,004 m.

Foi identificado, sobre o substrato rochoso, juntamente com outros materiais pertencentes maioritariamente à fase final da permanência islâmica (Fig 4).

2. AS FORMAS E O CONTEÚDO

A principal característica dos fragmentos de potes meleiros que descrevemos, além de apresentarem distintas dimensões, reside em todos oferecerem acentuado rebordo ou ressalto, formando canaleta, sob o bordo. Este destinava-se a conter água, impedindo a entrada, nos recipientes, de insectos, atraídos pela presença do mel. Podiam ter tido tampa de fecho hermético, de cerâmica, de madeira ou mesmo de cortiça, como era comum no Algarve até meados da passada centúria.

As características morfológicas dos dois potes identificados na Ponta do Castelo (Aljezur), maiores que os restantes, têm antecedentes peninsulares que remontam à II Idade do Ferro, conforme documenta,

entre outros, exemplar encontrado avulso nos Arrifes do Poço, em Aljezur, cujo estudo permitiu atribuir-lhe recuada cronologia (Gomes, 2007). Trata-se de recipientes que, dada a sua funcionalidade, se mantiveram, embora com algumas variantes formais e decorativas, durante a Romanização, Idade Média e Idade Moderna, prolongando-se o seu uso até quase à actualidade, conforme indicam paralelos etnográficos (Delgado, 1996-1997, p. 160; Morais, 2006, pp. 150, 152, 154, 155, fig. 1-12; Morais, 2014, pp. 97, 99; Silva e Ribeiro, 2006-2007, pp. 76, 77, 87).

Muito embora, conforme referimos, sejam conhecidos potes meleiros em contextos proto-históricos e romanos, a sua presença em níveis islâmicos não tem sido, até agora, claramente assinalada. No entanto, na informação literária sobre as funções das cerâmicas islâmicas constante nos livros de culinária e nomeadamente no *Fadālat al-jiwān*, refere-se o *ma'sūl* como sendo contentor para mel, mas cuja forma, não se especifica e, portanto, se desconhece (Rosselló-Bordoy, 1994, pp. 42, 45, 64).

A forma e grandes dimensões dos potes da Ponta do Castelo indicam que eles teriam sido utilizados para armazenar e, possivelmente, transportar mel. Também grande pote de que se exumou fragmento contendo perfil completo, no interior de silo islâmico, durante acompanhamento arqueológico realizado em 2009, no Jardim das Portas do Sol na antiga alcáçova de Santarém, seria muito semelhante aos exemplares de Aljezur (Silvério, 2012, pp. 2-5)³. Aquele possuía bordo, rebordo ou ressalto, formando canaleta, asas e fundo plano, oferecendo decoração incisa e pintada, constituída por motivos ondulados pintados que intercalavam com linhas horizontais paralelas entre si e, sob o rebordo, incisão formando ziguezague. Este pote, cuja cronologia foi atribuída ao século XII, teria tido possivelmente quatro asas, eventualmente, para ser suspenso, quiçá para ajudar à fixação da tampa ou facilitar o seu transporte.

Os grandes potes meleiros, da Ponta do Castelo e de Santarém, diferenciam-se dos pequenos potes meleiros, que identificámos na Zona da Arrochela, em Silves, e na camada 2 do Castelo daquela cidade, que seriam empregues para guardar pequenas quantidades de mel ou apresentá-lo à mesa, em

3. Agradecemos ao Dr. Carlos Silvério ter-nos facultado a sua tese de Mestrado em Conservação e Restauro, assim como autorização para utilizar desenho da peça que restaurou, ali incluída.

contexto doméstico (Gomes, 2003, pp. 292, 294; Gomes, 2011, pp. 71, 72).

Além dos exemplares que mencionámos, conhece-se fragmento de pote meleiro oferecendo, igualmente, rebordo exterior formando canaleto, decorado com impressões digitais, possuindo cronologia afim dos exemplares algarvios, mas pertencendo a contexto cultural diverso. Trata-se de testemunho identificado, durante escavação arqueológica, no assentamento rural de Baldoeiro (Adeganha- Torre de Moncorvo), em Trás-os-Montes, classificado entre os séculos XI e XIII (Rodrigues e Rebanda, 1995, pp. 55, 58, 65).

3. DA IMPORTÂNCIA DO MEL

O mel na alimentação humana foi valorizado ao longo dos tempos, dada a sua doçura e propriedades salutareas, registando-se a sua especial importância nos livros sagrados, tanto orientais como ocidentais, constituindo com o leite referência assinalada nas “*terras prometidas*” de várias civilizações, quase como “*fonte da vida e da imortalidade*”. Ele foi tido como alimento dos deuses e cantado por poetas (Sequeira, 1900, pp. 95, 96; Chevalier e Gheerbrant, 1997, pp. 447, 448; Gomes, 2007).

O Corão valoriza as abelhas como produtoras do mel, prescrevendo este como medicamento na seguinte passagem: “*Do seu ventre sai um licor de diferentes cores: nele há um medicamento para os homens.*” (Alcorão, Cap. 16, Ver. 69). A cor e o sabor do mel variam de acordo com o ambiente onde se encontram as colmeias e, em particular, onde as abelhas obtiveram o néctar ou o pólen.

Para Ibn Wāfid, médico oriundo de Toledo (século XI), a boa qualidade do mel dependeria da altura em que era recolhido, sendo melhor o obtido na primavera, a que se segue o de verão, e de pior qualidade o de inverno (Aguirre de Cárcer, 1995, pp. 315, 316).

A utilização do mel no mundo muçulmano era diversificada e abrangente, considerando-se como tendo propriedades antivirais, indicado para a higiene da boca, dos lábios, dos dentes e das amígdalas, para protecção tanto da voz como da garganta, recomendando o médico Ibn Halsūn, proveniente de Rota (século XIII), gargarejos com xarope de oximel. Mas ele era, de igual modo, importante para a saúde do fígado e da vesícula, a higiene da pele, e tido como fortificante, entre muitos outros benefícios para o bem-estar do corpo humano (Gigandet, 1996, pp. 51, 58, 60, 61, 63).

Além da sua aplicação como medicamento, o mel era comumente empregue na culinária, tanto em pratos de carne como na confecção ou cobertura de doces, nomeadamente bolos e filhós mas, também, estava presente na composição de nogados, com amêndoas ou outros frutos secos, assim como na conservação de frutos e de certos alimentos, a par do açúcar ou de distintas gorduras (Eléxpuru, 1994, p. 96; García, 1994, p. 276; Rosenberg, 1998, pp. 309, 318). A conservação através dos produtos mencionados, e do sal, manteve-se, no Sul de Portugal, até ao século XX. Muito embora a cultura da cana-de-açúcar, tenha sido introduzida no *al-Andalus* por Abd al-Rahmān I (756-788), o mel continuou tradicionalmente a ser utilizado como adoçante, dado o açúcar ser mais dispendioso (Arié, 1987, p. 226).

As propriedades do mel, como mencionámos, eram diversificadas, mas conhece-se muito pouco sobre a apicultura durante a permanência islâmica, no território hoje português. Todavia, aquela actividade e, em particular, a existência de colmeias de cerâmica, muros apiários e potes para guardar o mel têm vindo a registar-se na Península Ibérica nos níveis romanos, medievais e tardo-medievais (Almeida e Morín de Pablos, 2012, pp. 740-742; Gil Zubillaga e Luezas Pascual, 2015, p. 46; Morais, 2014).

Foi reconhecida como pertencente a colmeia, cerâmica romana encontrada na *insula* das Carvalheiras, em Braga, inicialmente classificada como sector de canalização, tendo-lhe Rui Morais (2006, p. 157) atribuído, através de paralelos, aquela funcionalidade. Nos fornos romanos do Martinhal (Sagres) foram, também, recolhidas duas colmeias, em cerâmica, quase completas, no interior de fossa destinada a amassar barro, produzidas em cerâmica local, além de outros fragmentos encontrados em distintas zonas daquele arqueossítio. Foi sugerido que as colmeias poderiam ter sido colocadas ao longo do muro exterior do edifício da olaria, no século IV, que teria servido como muro apiário (Bernardes *et alii*, 2014, pp. 509, 511, 512, 517, 518). Segundo julgamos, a presença de colmeias não podia coexistir com a laboração dos fornos, pois as duas actividades são inconciliáveis, dada a presença e movimentação de pessoas a par dos ruídos e fumos próprios da produção oleira. De facto, segundo o agrónomo Lucio Junio Moderato Columela (4-70 d.C.), no Livro IX da obra *Doze Livros de Agricultura*, que dedica à apicultura, aconselha que “... as colmeias devem estar longe de sítios movimentados e da companhia dos homens...”

(Gil Zubillaga e Luezas Pascual, 2015, p. 41). Os testemunhos de colmeias de cerâmica do Martinhal podem resultar delas terem sido produzidas no local, a par da fabricação anfórica, conforme foi já sugerido, mas é possível que sejam mais tardias e ali usadas quando a olaria tivesse sido abandonada.

Para o autor clássico acima citado, as melhores colmeias seriam fabricadas em cortiça, dado que permitiam manter a temperatura no seu interior tanto de verão como de inverno, ou a partir de troncos de árvore escavados, desaconselhando o uso de colmeias de barro cozido (Almeida e Morín de Pablos, 2012, p. 728).

Desconhecemos, por ora, colmeias atribuídas à permanência islâmica no actual território português, possivelmente por terem sido destruídas, ou dada a presença de sobreiros, a cortiça seria o material mais empregue naqueles artefactos, que aliás popularmente são denominados cortiços, ainda usuais na passada centúria. As suas dimensões rondavam os 0,55 m de altura e 0,30 m de diâmetro, aí se produzindo, em média, meio litro de mel e um quilograma de cera, devendo ser dispostos em encostas voltadas para nascente, segundo consta no *Tratado de Apicultura* de Eduardo Sequeira (1900, pp. 194-196).

Sabe-se que a apicultura terá continuado após a reconquista cristã do sul peninsular, conforme documentação literária sobre a produção de mel e de cera em Múrcia, contribuindo, tal como ocorria durante a permanência muçulmana, para a economia local. A instalação de colmeias, segundo nos é transmitido, necessita de “...pouca mão de obra e escassa dedicação”, integrando-se na exploração florestal (Peiró Mateos, 1999, pp. 231, 232).

Segundo Inês Eléxpuru (1994, p. 97), quando os cristãos conquistaram Alicante encontraram numerosas colmeias que protegeram, penalizando quem as destruísse.

No caso português dispomos, apenas, de referência na obra *A Primeira Geografia do Ocidente* de Idrisi (século XII) (1999, p. 264) que menciona o mel, como constituindo importante riqueza no território de Alcácer do Sal, além de outros centros produtores no *Sharq al-Andalus*.

No que respeita especificamente ao Algarve, conhece-se informação transmitida através dos forais afonsinos e manuelinos concedidos à região, respetivamente por D. Afonso III (1266) e D. Manuel I (1504) que, embora similares aos de Lisboa e de Silves, mencionam o comércio da cera e do mel (Ama-

do, 1993, pp. 57, 58; Andrade, e Silva, 1993 pp. 24, 183; Marques e Ventura, 1990, pp. 48, 49; Martins, 2004, pp. 49, 50; Oliveira, Botão e Silva, 2004, pp. 84, 85).

Frei João de São José registou, no século XVI, que então havia nas serras do Algarve, que se estendiam desde o Guadiana até ao mar oceano, da banda de poente, “... muitas silhas de colmeias de que se tira cada ano grande quantidade de mel e cera com que os moradores destas partes, se nisto são solícitos, granjeiam bem sua vida” (Guerreiro e Magalhães, 1983, p. 127). Depreende-se desta passagem que na Serra Algarvia se praticava a apicultura em larga escala. Segundo nos transmite Eduardo Sequeira (1900, p. 196), no Norte dão o nome de silha ao colmeal cercado de paredes circulares, enquanto no Sul chamam modernamente silha a cada fila de assentos dos cortiços no colmeal. Todavia, estes últimos poderiam ter sido cercados por paredes de pedra, ou muros apiários, cuja existência se tem vindo a estudar tanto no Norte como no Centro da Península Ibérica.

Aqueles recintos tinham como função proteger as colmeias de predadores como os ursos, que o cheiraram a quilómetros de distância, e, também, impedir a entrada de estranhos que roubassem o mel (Dinis e Dinis, 2010; Correia, 2010; Henriques et alii, 2010; Rodrigues, 2010). De facto, a presença do urso seria comum no actual território português, pelo menos até ao século XV, dado que a carne daquele animal era tabelada (Marques, 1987, pp. 109, 464; 1993, 161, 241). Justificava-se, por isso, a protecção das colmeias, també no Sul, com cercas, muito embora ainda não tenham sido devidamente estudadas.

Os potes meleiros, para conter, guardar e transportar mel, cujos fragmentos identificámos no assentamento da Ponta do Castelo (Carrapateira, Aljezur), corroboram a continuidade da apicultura durante a permanência islâmica. O testemunho melhor conservado (P.CAST. CA2/Q80/C2-1) oferece elaborada decoração pintada, de cor vermelha, com carácter geométrico, ocupando a quase totalidade da superfície exterior e de parte da asa, mostrando sob o rebordo motivo inciso. Este representa estrela de seis pontas, formado por dois triângulos equiláteros entrecruzados, símbolo polissémico e, portanto, com distintas interpretações civilizacionais. Não obstante, ele constitui para muitas delas a “*perfeição em potência*” ou, segundo Abu Ya’qub Sejestani (século X), corresponderia ao número perfeito, cujo significado, se pode associar à boa qualidade do conteúdo do recipiente – o mel (Chevalier e Gheerbrant, 1997, pp. 591-593).

Os fragmentos dos pequenos potes identificados em Silves, apresentam ambos decoração pintada, na superfície exterior, sendo em um deles (AR.Q1/U.1/C3-1), de cor branca, constituída por motivo geométrico, enquanto o outro (CAST.SILV. Q73/C2-1) oferece ornamentação, de cor vermelha, constituída por duas cartelas, contendo uma delas a representação de motivos geométricos e a outra, pouco comum, fitomórficos, sugerindo o ambiente próprio para as abelhas obterem alimento necessário à produção do mel. Esta temática permitia a identificação do conteúdo do recipiente.

A utilização destas vasilhas em contextos domésticos seria, possivelmente, algo comum durante a permanência muçulmana na região.

No que respeita aos dois grandes potes da Ponta do Castelo, eles permitem considerarmos a comunidade ali instalada além da pesca e da recollecção de moluscos marinhos e estuarinos, dedicava-se à apicultura, cujas colmeias, em material perecível, desapareceram.

Nos cerros que ali circundam a linha de costa encontram-se plantas como o medronho, rosmaninho, tomilho e diversas flores silvestres que permitiam a obtenção de mel de boa qualidade. As actividades económicas mencionadas, a pesca e a apicultura, não eram incompatíveis, embora pudessem ocorrer no mesmo período do ano, primavera e verão. A conciliação daquelas, basicamente colectoras, completavam a frágil economia explorando recursos diversificados. Paralelo significativo provém de sítio, investigado no início da passada centúria, no vale do Lekkoûs (Marrocos), onde quase todas as aldeias possuíam colmeias, recolhendo além do mel a cera, mas praticavam a pesca nas ribeiras próximas (Michaux-Bellaire e Salmon, 1906, p. 298).

Os fragmentos de vasos meleiros agora estudados, confirmam a prática da apicultura em tempos medievais islâmicos, que remonta na região, pelo menos à Proto-História e ocorreu até à actualidade, dada a importância do mel na alimentação, e da cera. Tal é confirmado pela existência de várias empresas sedeadas nos actuais concelhos de Monchique, Loulé e Tavira, dedicadas à comercialização de mel. Uma delas, a Apisland, com sede em Aljezur, é importante exportadora de mel de excelente qualidade.

BIBLIOGRAFIA

ALCORÃO (2002), Mem Martins: Sporpress.

AGUIRRE DE CÁRCER, Luisa Fernanda (1995) – *Ibn Wāfīd (m.460/1067), Kitāb Al-Adwiyā Al-Mufrada (Libro de los Medicamentos Simples)*, vol. I. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas/Agencia Española de Cooperación Internacional.

AMADO, Adelaide (1993) – *A Carta de Foral da Vila de Albufeira e seu Termo*. D. Manuel I. Albufeira: Câmara Municipal de Albufeira.

ALMEIDA, Rui Roberto de; MORÍN de PABLOS, Jorge (2012) – Colmenas cerâmicas en el territorio de Segobriga. Nuevos datos para la apicultura en época romana en Hispania. In BERNAL CASASOLA, Dario; RIBERA i LA COMBRA, Albert, eds. – *Cerámicas Hispanorromanas II. Producciones Regionales*. Cádiz: Universidad de Cádiz, pp. 725-743.

ARIÉ, Rachel ((1987) – España musulmana (Siglos VIII-XV), *Historia de España*, vol. III, Madrid: Ed. Labor.

ANDRADE, Maria Filomena; SILVA, Manuela Santos (1993) – *Forais de Silves*. Silves: Câmara Municipal de Silves.

BERNARDES, João Pedro; MORAIS, Rui; PINTO, Inês Vaz; GUERSCHMAN, Jorge (2014) – Colmeias e outras produções de cerâmica comum do Martinhal (Sagres). In MORAIS, Rui; FERNÁNDEZ, Adolfo; SOUSA, Maria José, eds. *As Produções Cerâmicas de Imitação na Hispania I*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, pp. 507-519.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain (1997) – *Dicionário dos Símbolos*. Lisboa: Círculo dos Leitores.

CORREIA, Dalila (2010) – Os muros-apiários do Parque Arqueológico do Vale do Côa. *Açafa On-Line*. 3. Vila Velha de Ródão: Associação de Estudos do Alto Tejo.

DINIS, António Pereira; DINIS, A. Mário (2010) – Muros-apiários das serras do Alvão e Marão: Contribuição para o seu estudo e preservação. *Açafa On-Line*. 3. Vila Velha de Ródão: Associação de Estudos do Alto Tejo.

DELGADO, Manuela (1996-1997) – Potes meleiros de *Bracara Augusta*. *Portvgalia*. Porto. Nova Série. XVII-XVIII, pp. 149-165.

ELÉXPURU, Inés (1994) – *La Cocina de Al-Andalus*. Madrid: Alianza Editorial.

GARCÍA, Expiración (1994) – La conservación de los productos vegetales en las fuentes agronómicas andalusíes. In MARÍN, Manuela; WAINES, David, eds. *La Alimentación en las Culturas Islámicas*. Madrid: Agencia Española de Cooperación Internacional, pp. 251-293.

GIGANDET, Suzanne (1996) – *Ibn Halsūn. Le Livre des Aliments (Kitāb al-Agdiya), Santé et Diététique Chez les Arabes au XIII^e Siècle*. Damas: Institut Français de Damas.

- GIL ZUBILLAGA, Luis; LUEZA PASCUAL, Rosa Aurora (2015) – De panales y de abejas: apicultura riojana ayer y hoy. *Revista de Cultura Popular y Tradiciones de La Rioja*. Logroño. ISSN 1886 – 4333. 29, pp. 38-47.
- GOMES, Mário Varela (2007) – Vaso meleiro, de Idade Siderica, dos Arrifes do Poço (Aljezur, Algarve). *Conímbriga*. Coimbra. XLVI, pp. 73-88.
- GOMES, Rosa Varela (2003) – *Silves (Xelb) – Uma Cidade do Gharb al-Andalus*. A Alcáçova. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia (Trabalhos de Arqueologia; 35).
- GOMES, Rosa Varela (2011) – *Silves (Xelb) – Uma Cidade do Gharb al-Andalus. A Zona da Arrochela. O Espaço e o Quotidiano*. Lisboa: Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico (Trabalhos de Arqueologia; 53).
- GOMES, Rosa Varela (2021) – Pesca sazonal, no século XII, na costa ocidental do Algarve – O caso da Ponta do Castelo (Carrapateira, Aljezur). In GONÇALVES, Victor dos Santos (ed.). *Terra e Sal. Das Antigas Sociedades Camponesas ao Fim dos Tempos Modernos. Estudos Oferecidos a Carlos Tavares da Silva* (Estudos & Memórias; 16), pp. 425-434.
- GUERREIRO, Manuel Viegas; MAGALHÃES, Joaquim Romero (1983) – *Duas Descrições do Algarve do Século XVI*. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora.
- HENRIQUES, Francisco; CANINAS, João Carlos; CHAMBINHO, Mário Lobato; PRATA, José Teodoro; GARDETE, José Joaquim (2010) – *Açaфа On-Line*. 3. Vila Velha de Ródão: Associação de Estudos do Alto Tejo.
- IDRISI (1999) – *La Première Géographie de L'Occident*. Paris: Ed. GF Flammarion.
- MARQUES, António Henriques de Oliveira (1987) – *A Sociedade Medieval Portuguesa*. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora.
- MARQUES, António Henriques de Oliveira (1993) – Portugal das invasões germânicas à “reconquista”. In *Nova História de Portugal*, II. Lisboa: Editorial Presença.
- MARQUES, Maria da Graça Maia; VENTURA, Maria da Graça Mateus (1990) – *Foral de Vila Nova de Portimão 1504*. Portimão: Câmara Municipal de Portimão.
- MARTINS, José António de Jesus (2004) – *O Foral Manuelino de Aljezur*. Aljezur: Câmara Municipal de Aljezur.
- MICHAUX-BELLAIRE, Édouard; SALMON, Georges (1906) – Les tribus arabes de la Vallée du Lekkoûs. *Archives Marocaines*. Paris. VI.
- MORAIS, Rui (2006) – Potes meleiros e colmeias em cerâmica: uma tradição milenar. *Sagvntum*. Valencia. 38, pp. 149-161.
- MORAIS, Rui (2014) – Notícia sobre vaso grego destinado ao transporte e conservação do mel. *Portvgalia*. Porto. Nova Série. 35, pp. 95-100.
- OLIVEIRA, Luís Miguel; BOTÃO, Maria de Fátima; SILVA, Teresa Rebelo da (2004) – *O Foral de Loulé 1504. D. Manuel I*. Loulé: Câmara Municipal de Loulé.
- PEIRÓ MATEOS, Maria del Carmen (1999) – *El Comercio y los Comerciantes en la Murcia de finales de la Edad Media a través de la Documentación*, vol. I, Universidad de Murcia, Departamento de Prehistoria, Arqueología, Historia Antigua e Historia Medieval.
- RODRIGUES, Miguel; REBANDA, Nelson (1995) – Cerâmicas medievais do Baldoeiro (Adeganha – Torre de Moncorvo). In *1^{as} Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval – Métodos e Resultados para o seu Estudo*. Tondela: Câmara Municipal de Tondela, pp. 51-66.
- ROSENBERG, Bernard (1998) – A cozinha árabe e o seu contributo para a cozinha europeia. In FLANDRIN, Jean-Louis; MONTANARI, Massimo, eds. *História da Alimentação. 1. Dos Primórdios à Idade Média*. Lisboa: Terramar, pp. 305-323.
- ROSSELLÓ-BORDOY, Guillermo (1994) – Arqueología e información textual: el utillaje en la cocina andalusí. In MARÍN, Manuela; WAINES, David, eds. *La alimentación en las culturas islâmicas*. Madrid: Agencia Española de Cooperación Internacional, pp. 37-87.
- SEQUEIRA, Eduardo (1900) – *As Abelhas. Tratado de Apicultura Mobilista*. Porto: Magalhães & Moniz Editores.
- SILVA, António Manuel S. P.; RIBEIRO, Manuela C. S. (2006-2007) – Cerâmica medieval das escavações no Castelo de Arouca. Ensaio de análise morfotipológica, *Portvgalia*, Porto. Nova Série. XXVII-XXVIII, pp. 69-88.
- SILVÉRIO, Carlos (2012) – Projecto. Peritagem e Avaliação a uma Peça Intervencionada, Mestrado em Conservação e Restauro, Instituto Politécnico de Tomar, Departamento de Arte, Conservação e Restauro. Tomar.

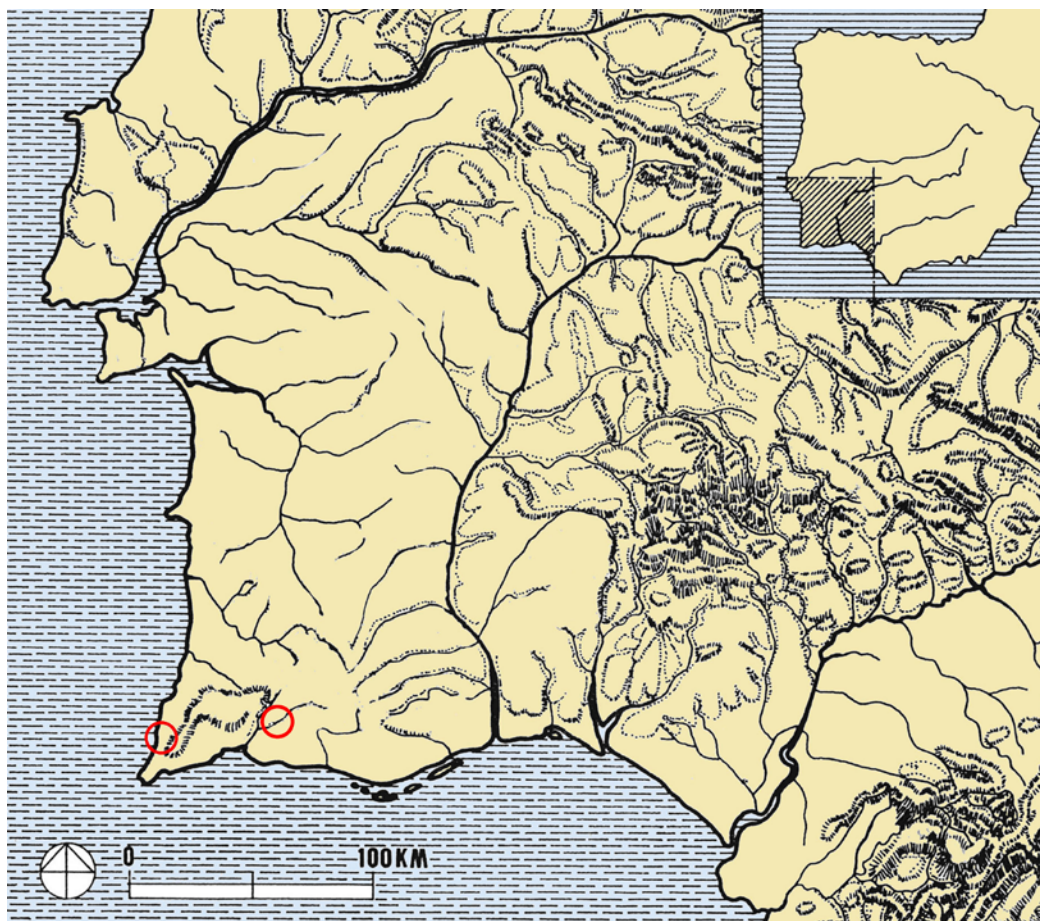


Figura 1 – Mapa do Sul de Portugal com a localização da Ponta do Castelo (Carrapateira, Aljezur) e da cidade de Silves.

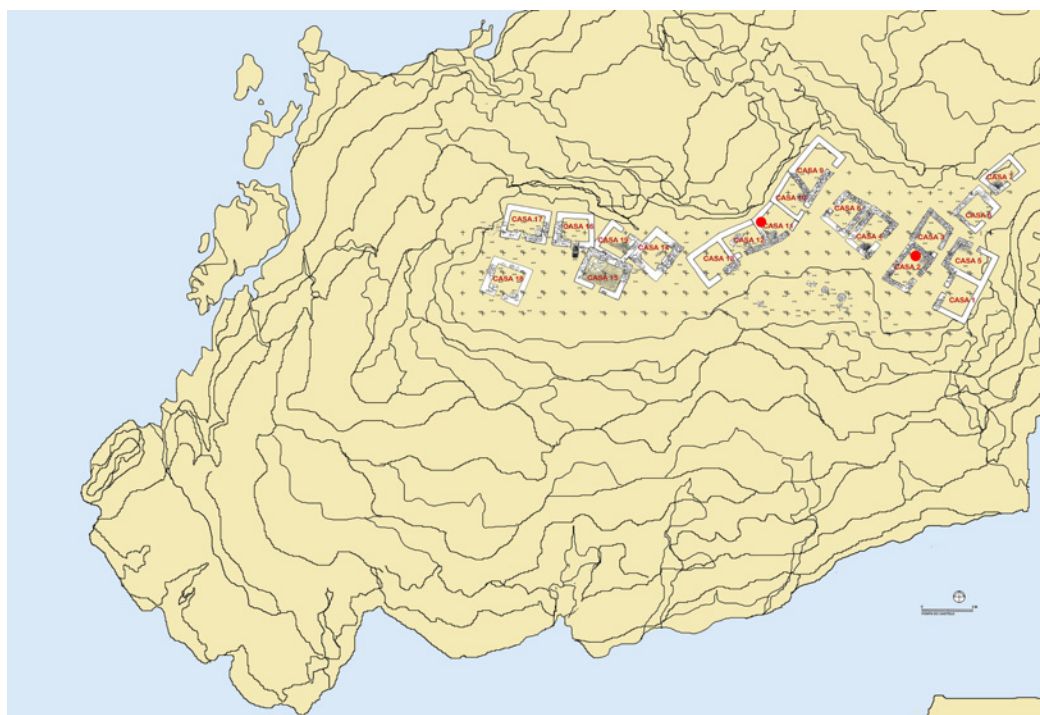


Figura 2 – Ponta do Castelo (Carrapateira, Aljezur), planta das estruturas identificadas, com a localização das casas onde foram recolhidos os fragmentos de potes meleiros (lev. J. Gonçalves).

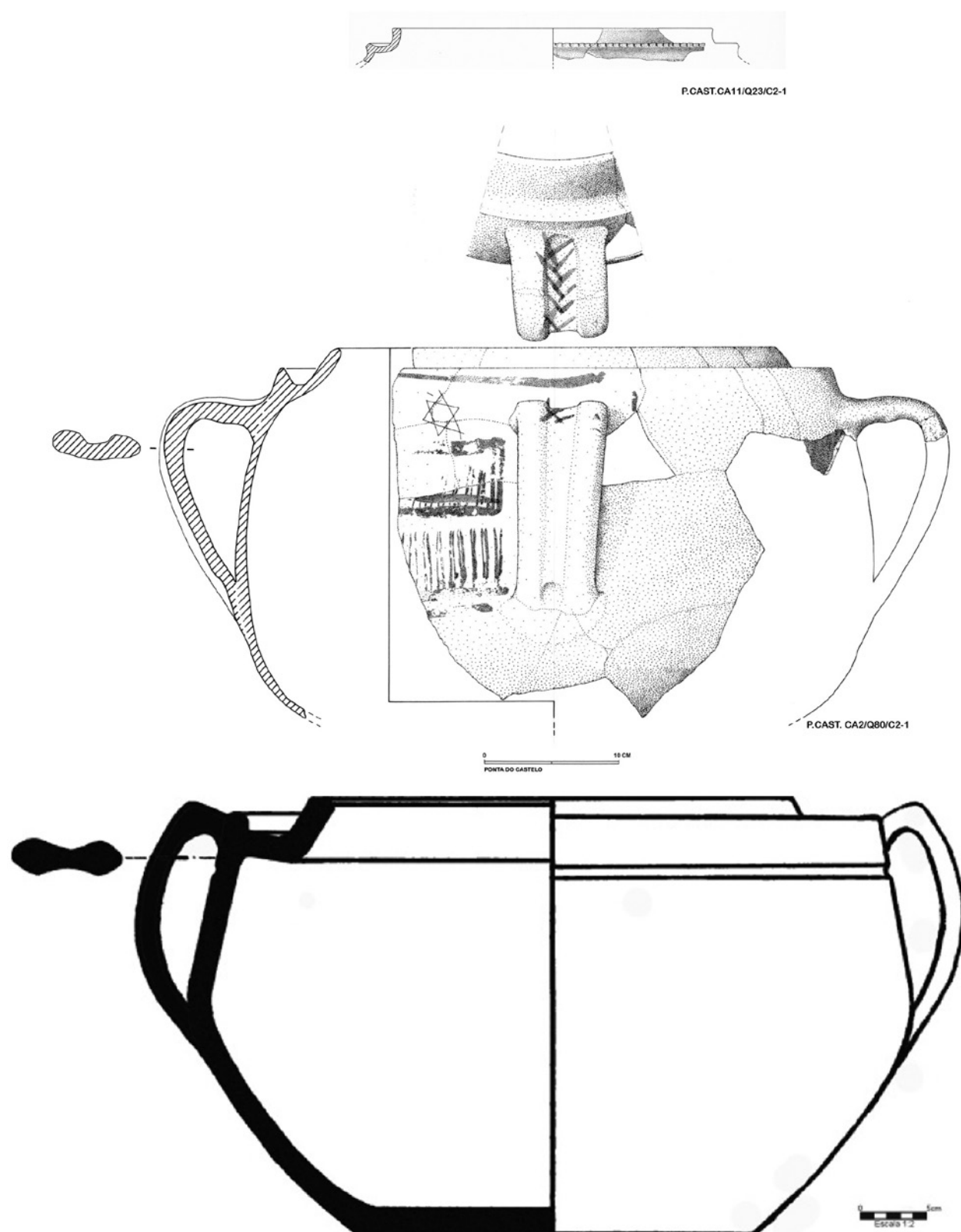
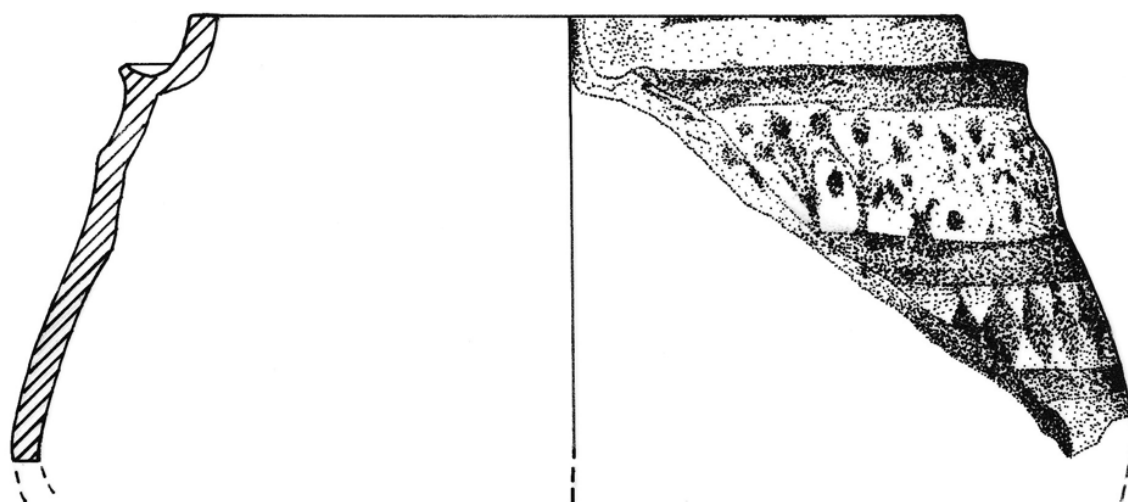
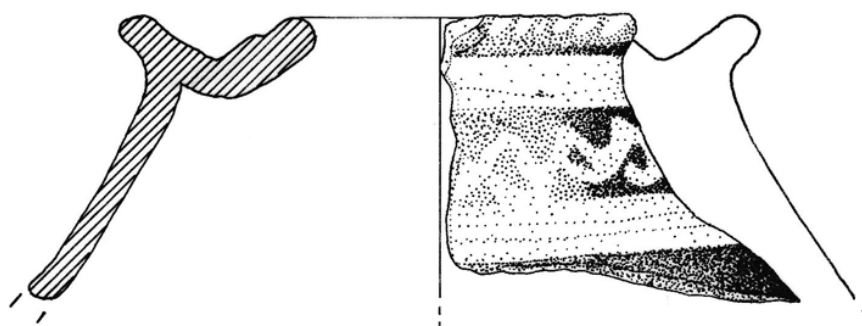
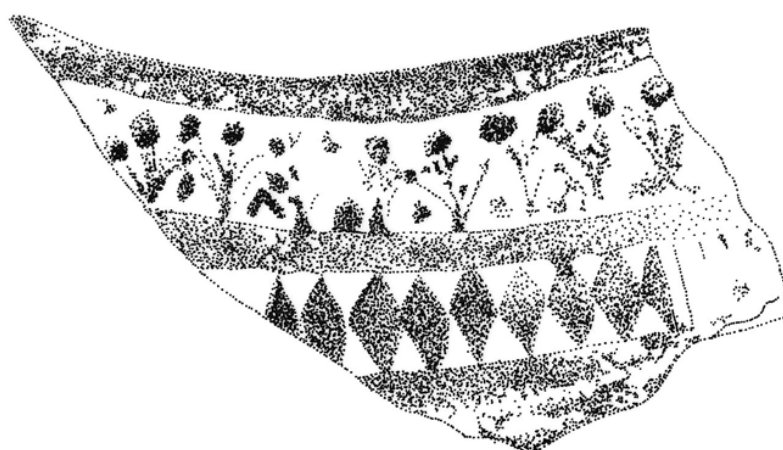


Figura 3 – Potes meleiros identificados na Ponta do Castelo (Carrapateira, Aljezur) e na antiga alcáçova de Santarém (des. J. Gonçalves e C. Silvério).



CAST.SILV. Q73/C2-1



AR.Q1/U.1/C3-1

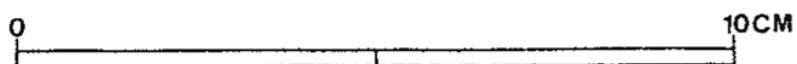


Figura 4 - Potes meleiros identificados no Castelo e na área urbana de Silves (des. A. Machado).



AAP
ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

MAC
MUSEU
ARQUEOLÓGICO
DO CARMO

 **REPÚBLICA
PORTUGUESA
CULTURA**

1 2 9 0 

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE D
COIMBRA


INSTITUTO
ARQUEOLÓGICO E
ETNOLÓGICO
DIREÇÃO - FACULDADE DE LETRAS - UC
PALÁCIO DE SUB-RIPIAS


**CENTRO DE
ESTUDOS INTERDISCIPLINARES**
CEIS30 | Universidade de Coimbra

 **Centro de Estudos
em Arqueologia
Artes
e Ciências do Património**
UI&D 281

fct
Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia
UIDB/0046/2020

Apoio Institucional:

**PATRIMÓNIO
CULTURAL**
Departamento do Património Cultural

 **MUSEU NACIONAL
DE MACHADO DE CASTRO**

Coimbra

 **seminário
maior de coimbra**